

AS "LEITURAS COMENTADAS": UM DISPOSITIVO PARA A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CONTESTATÓRIA ENTRE 1914-1930.¹

DORA BARRANCOS²

" A leitura substancial e agradável quase sempre é enganosa à memória. Nós a fazemos uma ou mais vezes e terminamos nos convertendo em seu proprietário, até o ponto em que, com o correr do tempo, consideramo-la nossa, usamo-la como nossa para adornar nossos comentários com um traje retalhado como o do Arlequim".

Miguel A. González

Provavelmente, o início do período - ao redor de 1914 - seja arbitrário e não indique com estrita fidelidade o começo de um tipo de prática pedagógica que chegou a impor-se entre as vanguardas libertárias argentinas, como forma de gestação e ampliação da consciência contestatória num meio social que parecia distante da possibilidade de transformações revolucionárias.

As "leituras comentadas" constituíram um dispositivo que gozou de singular preferência nas fileiras anarquistas, invadindo as associações gremiais, centros de estudos, bibliotecas e outras organizações culturais

¹ Este artigo foi publicado originalmente no *Boletín*, n. XVI do CEIL - Centro de Estudios y Investigaciones Laborales, do CONICET - Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas - da Argentina, em 1987. Posteriormente foi publicado na revista *Educación em Debate*, da Faculdade de Educação da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais - n. 2, 1988. Esta nova versão contém correções e inclui algumas notas bibliográficas.

² A autora agradece pelas entrevistas a Fernando Arana e Miguel A. González - ambos falecidos - homens de "vida libertária" da década de 20, cuja colaboração foi vital para a realização deste trabalho.

destinadas a reforçar a prédica e resistir ao embate das correntes integracionistas que se organizavam entre os trabalhadores. Sem dúvida, esse dispositivo cumpriu um preponderante papel educativo que, paradoxalmente, acabou incorporando, na própria vida anarquista, fenômenos culturais surgidos em outros segmentos da sociedade .

Antes de considerar os traços desta metodologia, é necessário reconhecer que seus antecedentes encontram-se em antigas experiências de difusão de conhecimentos - bem como de eliminação das distâncias - no seio familiar, projetadas posteriormente em âmbitos públicos. Devia ser comum, sobretudo nas casas pequeno-burguesas, a leitura dirigida por algum membro adulto da família, mais preparado - geralmente o pai - o qual se inspirava na necessidade de aumentar os efeitos do ensino fundamental oferecido pelas escolas, que apenas superava a alfabetização, e suprir, desta mesma maneira, o déficit educacional das mulheres da família.

De fato, tratou-se de um costume que foi-se espalhando pela Europa à proporção que avançavam as concepções burguesas, adquirindo grande força durante o século XIX³ .

As reuniões familiares noturnas com objetivo de entretenimento e ilustração têm, seguramente, raízes nas "leituras comentadas", e constituem sua variante. Também não se deve desconhecer outros ambientes - conventos

³ Existem numerosos exames relacionados à circulação dos livros e à experiência da leitura, entre os quais se destacam as notáveis contribuições de Roger CHARTIER: "De l'histoire du livre à l'histoire de la lecture", Archives et Bibliothèques de Belgique, t. LX, n. 1-2, 1989, pp. 161-189; *Lectures et Lecteurs dans la France d'Ancien Régime*. Paris, Seuil, 1987; "Livres bleus et lectures populaires au XVIIe siècle" in *Culturas Populares: diferencias, divergencias, conflictos*. Casa Velasquez, Universidad Complutense de Madrid, 1986; "El orden de los libros. Lectores, autores e bibliotecas en Europa entre los siglos XIV y XVIII", Barcelona, 1994; *El Mundo como Representación: estudios sobre historia cultural*, Barcelona, Gedisa, 1992. Não se pode deixar de lado as contribuições de Michel de CERTEAU, especialmente "La lecture absolue (théorie et pratique des mystiques chrétiens: XVIe - XVIIe siècles) in Lucien DÄLLENBACH e Jean RICARDOU. *Problèmes Actuels de la Lecture*. Paris, Clancier-Guénaud, 1982; *L'Invention du Quotidien - l'art de faire*. Paris, Gallimard, 1990. Robert DARNTON. *La Gran Matanza de Gatos y otros Episodios de la Historia Cultural Francesa*. México, FCE; *Gens de Lettres, Gens de Livres*. Paris, Ed. Odile Jacob, 1992; A. M. CHANTIER e J. HÉBRARD. *Discursos sobre la Lectura (1880-1980)*. Barcelona, Gedisa, 1994.

e cárceres - que devem ter hospedado manifestações assíduas de leituras coletivas em que se oferece o espetáculo da leitura em voz alta, de um texto que uma pessoa, talvez a mais solicitada, coloca à disposição dos outros.

Durante os primeiros anos do nosso século, é comum encontrar referências às "conversas familiares" propagadas pelas vanguardas na Argentina. Deve-se admitir que essas reuniões possuíam um caráter reservado, sobretudo para os socialistas. As reuniões aconteciam nos centros e organizações culturais das agremiações operárias. Os temas das "conversas" pareciam organizar-se em torno de reflexões metodológicas sobre a ação política e ideológica, muito mais que sobre aspectos doutrinários ou de cunho teorizante, resultando, a meu ver, numa antecipação da leitura que logo privilegiaria os textos considerados essenciais para a formação ideológica. É muito provável que, nas "conversas familiares", novos militantes e simpatizantes entrassem em contato com os organizadores locais, discorrendo sobre maneiras de colocar em prática determinadas idéias. A fonte doutrinária "de peso" viria, contudo, dos livros, ainda que não se pudesse depreciar o papel das figuras diretoras e aglutinadoras que, no entanto, não poderiam estar presentes em todos os centros.

À medida que transcorre a década de 10, pode-se perceber uma incorporação paulatina das "leituras comentadas" na pauta da propaganda libertária, o que permite concluir que se está diante de um fenômeno novo, se bem que resultante da evolução já assinalada. Não deixa de chamar atenção a sua rápida irradiação, assim como a permanência que alcançará essa metodologia, de tal forma que nos últimos anos da década e em boa parte da década de 20, adquirirá *status* de modalidade quase preferencial, concorrendo com outros componentes mais clássicos, como as conferências seguidas de debate e, é claro, o teatro. É imprescindível reconhecer as modificações ocorridas no espaço social e geográfico portenho no período que se inicia desde a guerra, com profundos impactos no próprio horizonte proletário. Luis A. Romero⁴ tem colocado em evidência a modificação

⁴ Ver *Libros Baratos y Cultura de los Sectores Populares*, Buenos Aires, CISEA, 1986. ASIMISMO, Leandro Gutierrez e ROMERO, Luis A. "Sociedades barriales, bibliotecas populares: Buenos Aires, 1920-1945" in *Desarrollo Económico*. vol. 29, n. 113, abril-junho, 1989.

cultural que se processa com o surgimento de um novo espaço de convivência - o bairro - aglutinador de fenômenos que parecem deslocar-se para a noção de vizinhança, onde se cruzam diversas camadas populares, tornando difuso ou quase incompreensível o caráter classista, em sentido estrito, de seus moradores. Este autor tem enfatizado a modificação produzida pelo consumo - agora massivo - de livros baratos publicados por diversas editoras locais, bem como o papel das revistas e magazines que supriam vastamente os setores populares, ávidos por exercitar sua recém-adquirida educação básica. Uma análise nesse mesmo sentido foi feita por Beatriz SARLO⁵, mostrando a absorção da literatura de folhetim durante os anos 20, seu inegável êxito e as explicações sociais de seu consumo.

Miguel A. GONZÁLEZ, libertário de singular valor, em certa medida produto da efervescência cultural que lhe abriu perspectivas em sua mocidade, cuja vida transcorreu no interior do país, comenta o período: "*O movimento cultural dos anos 20 e 30 foi esplêndido... A gente lia mais. Nas colunas dos jornais diários aparecia um folhetim que as donas de casa liam com interesse. O folhetim circulava constantemente, pois quem não comprava o diário pedia- o emprestado*"⁶.

Foi durante esse período que predominou o dispositivo das "leituras comentadas", prática que não teve muita penetração entre os socialistas, que preferiam dar espaço à prática das "conversas", sem que isso nos autorize a pensar em um atraso nas suas concepções difusoras. Pelo contrário, inovações como o cinema foram rapidamente apropriadas pelos socialistas, sendo comum encontrá-lo já na década de 10, nas programações de seus aparatos culturais, ocupando um lugar de destaque no decorrer dos anos 20.

As questões são cruciais: por que se tornaram dominantes no campo libertário essas manifestações pedagógicas orientadas pela idéia de guiar a leitura, de direcionar o escrito? Caberia admitir a hipótese de resistência às emergentes interpretações e léxicos, sustentando alternativas de uma textualidade que, se era aberta, devia limitar-se ao seu campo interpretativo, possuindo, assim, maiores garantias, dada a concorrência com novos

⁵ Ver *El Imperio de los Sentimientos*, Buenos Aires, Ed. Catálogos, 1985.

⁶ GONZÁLEZ, Miguel A. "Agrupación Antonio Loredo", mimeo, p. 1.

competidores representados pelas bibliotecas de bairros e por outros organismos de participação? Será que, ante as ameaças de dissolução, optou-se por um mecanismo coletivo de leitura que fornecesse aos novos adeptos o correto caminho doutrinário, ao mesmo tempo que os colocava em comunicação com o amplo horizonte da Cultura?

Não há dúvidas de que o mecanismo das "leituras comentadas" significava um atraente e oportuno modo de reavivar o ideário, de educar os novos ingressantes e de socializar o vasto repertório de autores e temas que se sucediam em um espaço já universal, colocando em evidência que, apesar de tudo, ainda vigoravam naquela época os grandes sonhos de fraternidade e justiça, agora mais urgentes devido ao final da guerra.

Essa prática foi mantida até o final da década de 20 e provavelmente se extinguiu de maneira definitiva em 1930, quando o golpe militar fechou a sociedade argentina, com reconhecidos efeitos sobre os meios operários e populares: a repressão impediu a manifestação de uma pedagogia que se baseava, essencialmente, na difusão franca e irrestrita dos problemas teóricos advindos das leituras, agora definitivamente perigosas.

O dispositivo era bem simples: um "companheiro" de maior prática na leitura, idôneo em algumas dimensões essenciais do ideário anarquista, ainda que não necessariamente o melhor preparado, lia em voz alta seções de um livro previamente selecionado, para depois provocar a sua discussão. A eleição do texto devia ser feita anteriormente por algumas jornadas de debates, tarefa que, por uma razão de princípios, tampouco podia prescindir de um consenso, de acordo com a impressão que nos deixam alguns protagonistas. Conquanto não seja possível determinar o grau de democracia desta primeira etapa, não há dúvidas sobre o critério de "maioria absoluta" que os anarquistas praticavam, acostumados ao clima das assembléias para tomada de decisões.

Mas, certamente, o mais relevante era a eleição do autor. É sobre esta decisão que se cruzavam opiniões substanciais, já que no autor estavam em jogo linhas mestras para a formação ideológica do grupo, e a escolha por um ou por outro seria decisiva para as orientações dos membros. Provavelmente seria possível reconstruir uma história das formações gremiais-culturais libertárias insistindo mais na análise de suas preferências doutrinárias, e, ainda que isto exceda o objetivo deste trabalho, é necessário admitir que tais preferências podem ser evidenciadas pela seleção dos autores eleitos para desenvolver as "leituras comentadas".

Em geral, os grupos anarquistas privilegiaram Kropotkin e Faure, seguidos logo de Eliseo Reclus e Malatesta. Até onde foi possível investigar, os mais clássicos, Proudhon e Bakunin, apareceram pouco ou não apareceram. Mas não ficaram de fora autores não-doutrinários, propulsores de elementos que configuravam a nova moral da contestação social. Zola, Balzac, Eça de Queiroz e Nordau encontravam-se em primeira linha, gozando da mesma honra militante. Foram também recorrentes as leituras de Hamon e de Anselmo Lorenzo, encontrando-se nesses uma dupla inspiração doutrinária e moralizante; o mesmo ocorreu com Grave e Cornelissen.

À medida que terminava a década de 10, o anarquismo encontrava-se numa notável contração, mas os episódios da Semana Trágica sacudiram-no fortemente. A Revolução Russa acabara de acontecer, e o que já parecia um horizonte apagado voltou a recuperar força, em face da perspectiva de uma transformação radical da sociedade. Tanto na frente gremial como na cultural, o anarquismo foi estremeado por uma tentativa de recuperação do espaço perdido em que se desenhavam fórmulas conciliadoras de vida. E, assim, no princípio da década de 20, uma cidade como Rosario mostrava um ativismo de consideráveis proporções, e com este, o ressurgimento dos centros cujo objetivo principal era a "reconquista do proletariado". Os primeiros anos serão os mais intensos. Prova disso é o nascimento de uma verdadeira rede de Escolas Racionalistas sob o comando anarquista, cuja denominação é bem esclarecedora: "22 de Maio", em homenagem ao dia em que o professorado de Santa Fé iniciou um vasto movimento de greve, em 1921⁷.

O depoimento de Miguel A. González sobre sua experiência em um centro tão importante como a sede da Federação Portuária, vívida expressão da vida libertária em que se entrecruzavam práticas corporativas e culturais, é uma peça de singular valor para entender o período. Em seu trabalho "Tres años de mi vida (1918 - 1921)" Catamarca, 1962⁸ - trata-se da sede

⁷ Ver da autora, *Anarquismo, Educación y Costumbres en la Argentina de Principios de Siglo*, Buenos Aires, Contrapunto, 1990.

⁸ Mimeo, s/d.

da Federação - González não deixa dúvidas sobre a efervescência que transformou sua vida, não hesitando em situar-se como uma criação do modelo ideológico e educativo que o teve como sujeito.

Para este militante, o objetivo maior ia além do mero desejo do doutrinamento; procurava-se "estimular uma ginástica cerebral para favorecer a clareza de idéias". E acrescenta: *"em matéria de opiniões, poderia em certos casos haver uma coincidência, mas nunca uma uniformidade total"*⁹. Assim explica a ressonância de experimentos como os das "leituras comentadas": *"as discussões eram um belo espetáculo. Ainda que não houvesse um acordo total, a discrepância não dava lugar a rancores"*¹⁰.

Deve-se reconhecer que - além dos autores mais conhecidos já citados - eram objeto de análise figuras como Paule Gille e Ricardo Mella. Este último tinha uma concepção que parecia não perdoar a negligência educativa e não vacilava em julgar severamente o desleixo que se estendia entre os adeptos. Foi comum a incorporação de artigos de revistas de atualidade, talvez de maneira desordenada e até arbitrária, como resultado de exigências descabidas do debate, levando-se em conta a "fugosidade" das interpretações, de acordo com as próprias impressões de González. Na realidade, tratava-se de um inadiável impulso de atualização tanto dos temas como dos autores à medida em que se consolidava o exercício da "leitura comentada" em um determinado núcleo.

Durante os anos da guerra, assistiu-se em Buenos Aires a um reflorescimento dos Centros Operários, entre os quais cabe mencionar os do Oeste-Almagro, Boca e Barracas, Villa Crespo, Parque Patricios-com prolongamentos em outros núcleos em direção ao Norte, mas sobretudo em direção ao Sul e Oeste. Em todos esses experimentaram-se as "leituras comentadas". Este movimento pareceu recuperar força nos anos seguintes particularmente em Rosario, como se viu, e não só nesta cidade de Santa Fé, mas também na maioria dos centros do interior da província e em outras

⁹ Op. cit., p. 4.

¹⁰ Idem.

regiões do país. Novos sujeitos entravam em cena provenientes de uma população já nativa, às vezes urbana, às vezes rural, portanto flutuante, cuja expressão mais significativa nas áreas interioranas pode ser o "croto"¹¹.

Foi Fernando Arana outra testemunha do período, protagonista singular - na década de 30 participou dos sucessos de Bragado¹² - e provável fruto de sua própria experiência e dos dispositivos educativos libertários. O cenário de sua atuação foi o interior da Província de Buenos Aires. Muito jovem, entrou em contato com ativistas que lhe propiciaram as primeiras leituras contestatórias. Através dele pudemos saber das circunstâncias de aplicação da metodologia das "leituras comentadas" em princípios da década de 20. "*Um companheiro - dizia - lia um texto, logo se fazia uma pausa e começava a discussão. Todo mundo tinha que opinar e, se alguém não o fazia, os outros pediam para que manifestasse suas idéias, o que lhe havia parecido, enfim, o que representava para ele o que se dizia*"¹³. Para Arana, o livro que mereceu nítida preferência entre as diversas experiências de "leituras comentadas" de que participou foi *A Conquista do Pão*, de Kropotkin, indispensável em qualquer programa formativo. Outro texto fundamental escolhido foi *Temas Subversivos*, de Faure. Em terceiro lugar está *Ajuda Mútua*¹⁴, de Kropotkin, cuja demanda de leitura deve ter sido constante.

¹¹ N.T.: José Camilo CROTTO é o nome do governador da Província de Buenos Aires (1916-1920), que liberou viagem gratuita nos trens para os trabalhadores rurais. Seu sobrenome virou apelido para os andarilhos, anarquistas ou não, que viajavam sozinhos de cidade em cidade à procura de emprego.

¹² Em Bragado, ocorreu um grave episódio, quando um atentado matou parte da família do senador conservador Blanch, imputando-se o fato ao anarquismo. Dezenas de militantes foram presos e alguns torturados. Houve comoção no campo libertário, já que se tratava de uma acusação injusta, originando uma grande e forte denúncia, e criou-se um comitê especial em defesa dos detidos e condenados: Vuoto, Mainini e De Diago.

¹³ Testemunho oral em poder da autora. Fernando Arana fez também depoimentos semelhantes para o registro de História Oral a cargo de Marta García em Mar del Plata (Biblioteca Juventud Moderna).

¹⁴ Na realidade, a tradução da conhecida obra de Kropotkin tem por título *O Apoio Mútuo - um fator de evolução*; mas nos meios libertários difundiu-se com o título simplificado de *Ajuda Mútua*. Evidentemente isso ocorreu para uma melhor difusão.

As discussões - quase sempre acaloradas - geralmente conseguiam centrar-se na análise do próprio texto, mas dele se desviavam toda vez em que se indagavam questões colaterais, até mesmo não pertencentes à temática que dirigia o curso da reflexão. Era quando os grupos passavam pelas mais diferentes experiências de interpretação, abarcando um universo de problemas que iam da eugenia até o amor livre, a vida naturalista e considerações sobre a medicina condizente com ela, tudo para alcançar a elaboração de fórmulas que pudessem subverter a ordem. Frequentemente, e dependendo dos atributos pessoais de alguns membros, o exame dos temas chegava a situações "disparatadas e desconcertantes", assegura González. Um exemplo que ele cita foi o debate de um artigo da revista *Estudios*¹⁵ em que se afirmava que "só por um preconceito não comemos carne de uma pessoa sã, morta em um acidente". Essa afirmativa - não há como duvidar de que se tratava de uma extravagância tão característica dos confusos diálogos libertários - "provocou irados protestos, supondo que nos colocavam na posição de canibais, como acontece em circunstâncias excepcionais a homens altamente civilizados, como os expedicionários que não tiveram outro remédio senão matar um companheiro e comê-lo, como no caso do Prof. Malgren, da malsucedida expedição Nobile¹⁶.

Este fato é revelador de várias dimensões: a atualidade de certas discussões (centradas em acontecimentos contemporâneos), a espontaneidade com que fluía o diálogo entre os participantes, a urgência em participar de exposições ousadas e provocativas, e o impacto pessoal das comunicações capazes de transformar o pensamento. A experiência das leituras comentadas aumentava a perspectiva de "fazer-se a si mesmo"

¹⁵ Importante publicação espanhola que teve papel central na difusão de idéias, sobretudo no campo da higiene e da sexualidade.

¹⁶ Esta é a expedição que Umberto Nobile e equipe levaram a cabo no Pólo Norte, em que morreu a maioria dos integrantes. Nobile, de idéias socialistas, foi julgado pelo fascismo e incorporou-se à União Soviética em 1931. Engenheiro de aviação, participou da II Guerra Mundial como aviador soviético. Ao término da guerra, voltou à Itália, sendo eleito deputado comunista, em 1946.

- tal como tem proposto Thompson - em um plano de profunda convivência educativa. Homens e mulheres, apenas alfabetizados, percorriam com seus conhecimentos as idéias de Tolstoi, Flammarion, Shaw, Nietzsche, Kumer, Vander, Darwin, Spencer, Mendel, Laplace, Malthus, incorporando-se assim ao vasto mundo das ciências, do saber filosófico, das letras. Tampouco se negaram a conhecer as leituras de outro campo. Assim, não foi raro encontrar alguns centros libertários entregues à tarefa de ler Marx, "para conhecer quem não pensa como nós" - como esclarecia um grupo convocante. Certamente foram oportunidades para os mais hábeis - às vezes também para os que mais liam - esgrimirem seus argumentos, opondo os autores entre si ou fazendo-os convergir, algo que provavelmente os próprios autores desconheciam. Podia ocorrer que esta assimilação logo desse como resultado o traje retalhado de Arlequim, conforme a impressão de González que serve de epígrafe a este trabalho.

Para uma "leitura social" do período, não podemos ficar indiferentes à fascinação produzida pelo movimento. As "leituras comentadas" descobriram para muitos a obra de Zola - o grande favorito - predispondo-os ao exercício de uma narrativa que tornava imprescindível o gosto pela escrita e pelo encantamento de comunicar¹⁷.

Mas a sociedade argentina havia se transformado significativamente. Amplos setores, que não se reduziam apenas aos de classe média, já sentiam "disparatada e desconcertante" a utopia anarquista: em seu lugar, surgia um amálgama de diferentes interpretações da ortodoxia anarquista. A impaciência converteu-se paulatinamente em vulgares adequações da realidade, e a ousadia contestatória deu lugar à negociação. Leitores oficiais e ouvintes ávidos, todavia inflamados, eram uma remanescência das antigas propostas revolucionárias. Nesses anos, alguns tentaram atos rebeldes, pela

¹⁷ Sobre os vínculos entre registro oral e escrito da comunicação, remeto a Walter Ong, *Oralidad y Escritura. Tecnologías de la Palabra*. México, FCE, 1987. A narrativa oral tem significado uma experiência de enorme importância, é o uso da escrita como forma para compensar as desvantagens do analfabetismo nos adultos. Em março de 1995, um entrevistado espanhol nascido em fins da década de 20, contou como a influência da leitura em voz alta de Zola fez com que sua mãe, analfabeta, recitasse páginas inteiras de algumas de suas obras.

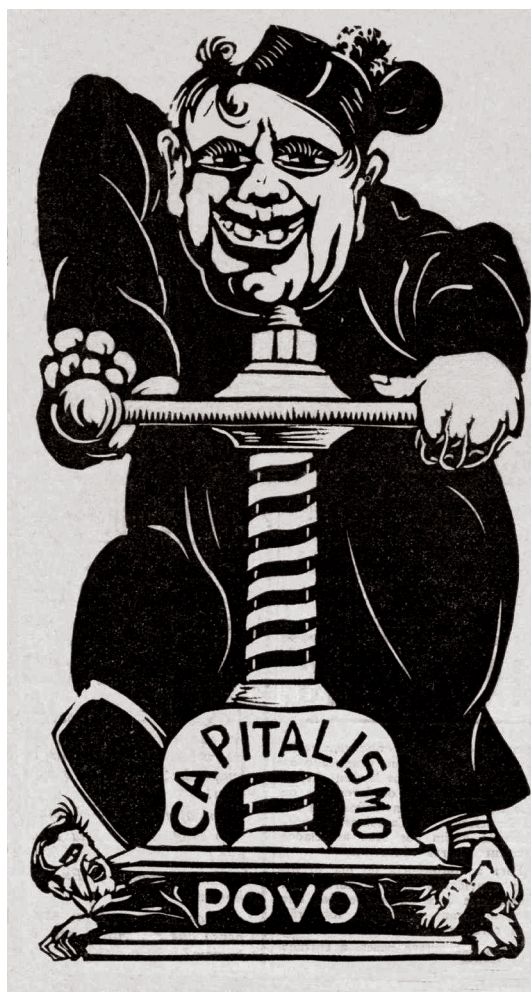
via da expropriação, e, se isso foi consentido entre os anarquistas, jamais se tornou público. Aqueles que se situaram na linha de frente, como *La Protesta* e a FORA do V Congresso¹⁸ - já sem a mesma força - não duvidaram em contestar irradamente, o que provocou atos de violência interna. Mas isso é outra história.

É difícil imaginar o impacto social das "leituras comentadas", instrumento de resistência e socialização, mas não se pode duvidar da eficácia pessoal, íntima, que modificou crucialmente não poucas biografias.

Tradução: Thaís Battibugli

Revisão: Norberto Osvaldo Ferreras

¹⁸ N.T.: FORA - Federación Obrera Regional Argentina - do V Congresso Anarquista, ocorrido em 1909. Durante o IX Congresso, em 1920, dividiu-se a FORA entre a "FORA anarquista" e a "FORA do IX Congresso", constituída por sindicalistas e socialistas. Os anarquistas não aceitaram que se retirassem do programa do congresso questões relativas à independência política dos sindicatos, que restringiam sua atuação apenas à greve, o que abria possibilidades de alianças políticas e de luta parlamentar.



"Da Constituinte vai sair esta monstruosidade: a tirania clerical-burguesa que fará do povo um instrumento de suas explorações."
A Plebe, Ano 2, Nova Fase, n. 64, 09/06/1934.

